

CONVERGENTE

VERONICA ROTH

Tradução de
Alcinda Marinho

*Qualquer questão passível de ser respondida deve ser respondida ou, pelo menos, considerada.
Os processos de raciocínio ilógico devem ser questionados logo que surgem.
As respostas erradas devem ser corrigidas.
As respostas certas devem ser reforçadas.*

– Do manifesto da facção dos Eruditos

Capítulo um

Tris

Ando para trás e para a frente na minha cela no quartel-general dos Eruditos, com as palavras dela a ecoar na minha cabeça: *O meu nome será Edith Prior. E há muita coisa que fico feliz por esquecer.*

– Então, *nunca* a tinhas visto antes? Nem sequer em fotografias? – pergunta Christina, com a perna ferida apoiada sobre uma almofada.

Foi baleada durante a nossa tentativa desesperada de revelar o vídeo de Edith Prior à cidade. Naquela altura, não fazíamos ideia do seu conteúdo, nem de que iria estilhaçar as bases do nosso mundo, as fações, as nossas identidades.

– Ela é alguma avó tua, ou tia, ou algo do género?

– Já te disse que não – respondo, voltando-me ao chegar à parede. – Prior é – *era* – o apelido do meu pai, por isso, teríamos de ser aparentadas pelo lado dele. Mas Edith é um nome dos Abnegados e os parentes do meu pai devem ter sido Eruditos, então...

– Então, ela deve ser mais velha – diz Cara, apoiando a cabeça contra a parede. Assim inclinada, parece-se bastante com o irmão, Will, o meu amigo, o que matei a tiro. Depois, Cara põe-se direita e o fantasma do irmão esfuma-se. – De há algumas gerações. Uma antepassada.

«Antepassada.» A palavra soa-me a velho, como um muro de tijolo a desfazer-se. Toco na parede da cela ao voltar-me. É branca e fria.

Minha antepassada, e este é o legado que me deixou: a libertação das fações e o conhecimento de que a minha identidade Divergente

é mais importante do que poderia ter imaginado. A minha existência é um sinal de que temos de sair desta cidade e oferecer a nossa ajuda a quem quer que seja que vive fora dela.

– Queria saber – diz Cara, passando a mão pelo rosto –, *preciso de saber* há quanto tempo aqui estamos. Podes parar de andar de um lado para o outro *por um minuto que seja*?

Detenho-me no meio da cela e ergo as sobranceiras olhando para ela.

– Desculpa – murmura Cara.

– Não faz mal – diz Christina. – Estamos aqui há tempo de mais.

Passaram alguns dias desde que Evelyn conseguiu dominar o caos no átrio do quartel-general dos Eruditos com umas quantas ordens breves e mandou levar todos os prisioneiros para celas no terceiro andar. Uma mulher sem-fação veio tratar os nossos ferimentos e distribuir analgésicos, e comemos e tomamos duche várias vezes, mas ninguém nos disse o que se está a passar lá fora. Apesar das minhas perguntas insistentes.

– Pensei que o Tobias já teria vindo por esta altura – digo, deixando-me cair na extremidade da minha cama. – Mas onde *está* ele?

– Talvez continue zangado por lhe teres mentido e ido trabalhar com o pai dele nas suas costas – responde Cara.

Fixo-a com um olhar furioso.

– O Quatro não seria tão mesquinho – afirma Christina, embora eu não perceba bem se para contrariar Cara ou para me tranquilizar. – Provavelmente, está a acontecer algo que o impede de vir. Ele disse-te para confiares nele.

No meio da confusão, quando toda a gente gritava e os sem-fação tentavam empurrar-nos para as escadas, agarrei-me à bainha da sua camisa para não me perder dele. Tobias agarrou-me nos pulsos e afastou-me e aquelas foram as suas palavras: *Confia em mim. Vai para onde eles te disserem.*

– Estou a tentar – respondo, e é verdade. Estou a tentar confiar nele. Mas todo o meu ser, cada fibra, cada nervo, anseia por libertar-se – não só desta cela, mas da cidade para além dela.

Preciso de ver o que há para lá daquela vedação.

Capítulo dois

Tobias

Não consigo andar por estes corredores sem me lembrar dos dias que aqui passei como prisioneiro, descalço, com o corpo a latejar de dor sempre que me mexia. E com esta memória vem outra: a de aguardar que Beatrice Prior fosse enfrentar a sua morte, a dos meus punhos contra a porta e a do seu corpo inerte nos braços de Peter quando ele me disse que ela estava apenas drogada.

Odeio este sítio.

Não é tão limpo como costumava ser quando era o quartel-general dos Eruditos; agora, está devastado pela guerra, com buracos de bala nas paredes e vidros de lâmpadas partidas por todo o lado.

Caminho sobre marcas sujas de pegadas, iluminado por luzes tremeluzentes, até à cela dela; deixam-me entrar sem colocar entaves, porque exibo o símbolo dos sem-facção – um círculo vazio – numa braçadeira negra no braço e os traços de Evelyn no rosto. Dantes, Tobias Eaton era um nome que causava vergonha, agora é um nome poderoso.

Tris está aninhada no chão, ombro a ombro com Christina e na diagonal de Cara. A minha Tris devia parecer pequena e pálida – afinal, ela é pequena e pálida –, mas, em vez disso, enche o espaço inteiro.

Os seus olhos redondos encontram os meus e põe-se logo de pé, rodeando-me num abraço apertado e encostando o rosto ao meu peito.

Dou-lhe um apertão no ombro com uma mão e passo-lhe a outra

pela cabeça, surpreendendo-me de novo ao sentir que o cabelo dela termina acima do pescoço e não abaixo dele. Fiquei contente quando ela o cortou, porque o novo corte é próprio de uma guerreira e não de uma rapariga, e sei que era disso que ela precisava.

– Como entraste? – pergunta na sua voz baixa e nítida.

– Sou o Tobias Eaton – respondo, e ela ri.

– Certo. Estou sempre a esquecer-me. – Afasta-se apenas o suficiente para poder olhar para mim. Tem uma expressão trémula nos olhos, como se fosse um monte de folhas prestes a serem dispersas pelo vento. – Que se passa? Porque demoraste tanto tempo?

O tom dela é desesperado, suplicante. Este lugar pode trazer-me muitas recordações horríveis, mas a Tris traz ainda mais – o caminho para a sua execução, a traição do irmão, o temido soro. Tenho de tirá-la daqui.

Cara ergue os olhos com interesse. Sinto-me desconfortável, como se o meu corpo tivesse mudado sob a minha pele e esta já não me assentasse bem. Detesto ter público.

– A Evelyn tem a cidade sob um controlo rígido – digo. – Ninguém dá um passo sem a autorização dela. Há uns dias, fez um discurso sobre unirmo-nos contra os nossos opressores, as pessoas lá de fora.

– Opressores? – pergunta Christina.

Tira um frasco do bolso e despeja o conteúdo na boca – analgésicos para o ferimento de bala na perna, deduzo. Enfio as mãos nos bolsos.

– A Evelyn – e muitas outras pessoas, na verdade – acha que não devíamos deixar a cidade só para ajudar uma data de gente que nos meteu aqui para, mais tarde, poder usar-nos. Querem tentar resolver os nossos problemas e pôr a cidade bem, em vez de a deixar para resolver os problemas de outras pessoas. Estou a repetir o que ouvi, é claro – digo. – Suspeito que esta opinião seja bastante conveniente para a minha mãe, porque, enquanto estivermos todos aqui confinados, ela manda. No instante que sairmos, ela perde o controlo.

– Bestial. – Tris revira os olhos. – É claro que ela ia fazer a escolha mais egoísta de todas.

– Ela tem uma certa razão – diz Christina, fechando a mão

à volta do frasco. – Não digo que não queira deixar a cidade e ver o que há lá fora, mas aqui a situação também está complicada que chegue. Como vamos ajudar uma data de pessoas que nunca vimos à frente?

Tris reflete sobre isto, mordendo o interior da bochecha.

– Não sei – admite.

No meu relógio são três horas. Já estou aqui há demasiado tempo – há tempo suficiente para levantar as suspeitas de Evelyn. Disse-lhe que vinha para acabar tudo com Tris, que não iria demorar muito. Não tenho a certeza se acreditou em mim.

– Ouçam, vim cá, sobretudo, para vos avisar – digo. – Estão a começar julgamentos para todos os prisioneiros. Vão dar o soro da verdade a todas vocês e, se funcionar, vão ser condenadas por traição. Acho que todos gostaríamos de evitar isso.

– Condenadas por *traição*? – questiona Tris num tom furioso.

– De que forma é que revelar a verdade à cidade inteira é um ato de traição?

– É um ato de desafio aos nossos líderes – respondo. – A Evelyn e os seguidores dela não querem deixar a cidade. Não vão agradecer-vos por mostrarem aquele vídeo.

– São iguaizinhos à Jeanine! – Tris faz um gesto impetuoso e errático, como se quisesse bater em alguma coisa, mas não encontrasse em quê. – Dispostos a fazer qualquer coisa para sufocar a verdade, e para quê? Para serem reis do seu mundozinho minúsculo? É ridículo.

Não quero dizer, mas parte de mim concorda com a minha mãe. Não devo nada às pessoas de lá de fora, quer seja Divergente quer não. Não tenho a certeza de querer oferecer-me a eles para resolver os problemas da humanidade, seja lá o que isso for.

Mas quero realmente partir, da mesma forma desesperada que um animal deseja escapar de uma armadilha. Com raiva e selvajaria. Disposto a roer um membro para o fazer.

– Podes ter razão – digo com cuidado –, mas, se o soro da verdade funcionar, serão condenadas.

– Se funcionar? – repete Cara, semicerrando os olhos.

– Divergente – diz Tris olhando para ela e apontando para a sua própria cabeça. – Lembras-te?

– Isso é fascinante – replica Cara, enfiando um cabelo solto no carrapito atado logo acima do pescoço. – Mas atípico. Pela minha experiência, a maioria dos Divergentes não consegue resistir ao soro da verdade. Gostaria de saber como tu conseguirás.

– Tu e todos os outros Eruditos que alguma vez espetaram uma agulha no meu corpo – responde Tris num tom brusco.

– Podemos voltar ao que interessa, por favor? Gostaria de evitar ter de vos tirar de cá à força – digo.

Subitamente desesperado por consolo, estendo a mão para a de Tris e os seus dedos vêm ao encontro dos meus. Não somos pessoas que se toquem distraidamente; cada ponto de contacto entre nós é importante, é uma vaga de alívio e energia.

– Está bem, está bem – diz ela, agora num tom mais suave. – Em que estavas a pensar?

– Vou convencer a Evelyn a deixar-te testemunhar primeiro, de entre as três. Tudo o que tens de fazer é inventar uma mentira que ilibe tanto a Christina como a Cara e, depois, contá-la sob o efeito do soro da verdade.

– E que mentira seria capaz disso?

– Pensei que seria melhor deixar isso a teu cargo – respondo.
– Uma vez que és melhor mentirosa do que eu.

Enquanto falo, sei que as minhas palavras tocam num ponto sensível para ambos. Tris mentiu-me imensas vezes. Prometeu-me que não iria para a sua morte nas instalações dos Eruditos, quando Jeanine pediu o sacrifício de um Divergente, e foi na mesma. Disse-me que ficaria em casa durante o ataque dos Eruditos, mas encontrei-a na sede deles, a trabalhar com o meu pai. Compreendo porque fez todas estas coisas, mas isso não significa que tudo fique automaticamente bem entre nós.

– Pois. – Tris olha para os pés. – OK, vou pensar em algo.

Pouso-lhe a mão no braço.

– Vou falar com a Evelyn sobre o teu julgamento. Vou tentar que não demore muito.

– Obrigada.

Sinto a ânsia, agora familiar, de me arrancar do meu corpo e falar diretamente à sua mente. Percebo que é o mesmo desejo que me dá vontade de a beijar de cada vez que a vejo, porque mesmo uma distância mínima entre nós me irrita. Os nossos dedos, descontraidamente entrelaçados um momento antes, apertam-se agora firmemente – a palma da mão dela está húmida e pegajosa e a minha é áspera em certos pontos, de ter agarrado demasiadas pegadas em demasiados comboios em movimento. Agora, Tris parece pequena e pálida, mas os seus olhos fazem-me pensar em céus abertos que nunca vi realmente, apenas sonhei.

– Se vão beijar-se, façam-me um favor e avisem, para eu poder desviar a cara – diz Christina.

– Vamos – afirma Tris.

E beijamo-nos.

Ponho-lhe a mão na face para tornar o beijo mais demorado, segurando a boca dela na minha para sentir cada ponto em que os nossos lábios se tocam e cada ponto em que se separam. Saboreio o ar que partilhamos no segundo seguinte e o nariz dela a deslizar pelo meu. Tento lembrar-me de algo para dizer, mas é demasiado íntimo, por isso, engulo as palavras. Um instante depois, decido que não me importo.

– Gostava que estivéssemos sozinhos – digo, enquanto saio da cela às arrecuas.

Ela sorri.

– É nisso que eu penso quase sempre.

Enquanto fecho a porta, vejo Christina a fingir que vomita, Cara a rir e Tris com os braços pendentes ao lado do corpo.